

**AS DIFERENTES ESTRUTURAS MORFOSSINTÁTICAS
NAS ODES DO *LIBER I*, DE HORÁCIO**

José Mario Botelho (UERJ e ABRAFIL)
botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

Embora o latim apresente certa liberdade, referente à colocação dos termos na frase, pode-se dizer que havia uma padronização na ordem dos termos, à semelhança da ordem natural da prosa. Divine e Stephens (2006), Hoffmann (2010) e Pinkster (1995) vêm defendendo tal ideia, demonstrando a ocorrência de estruturas sintáticas, iniciadas com o nominativo (sujeito) e finalizadas com o verbo. Marouzeau (1922) e Hoff (1994) observaram tal incidência: aquele, sob a perspectiva de um uso estilístico, este, da de restrições sintáticas. Em Horácio, a quebra dessa ordem natural faz surgir estruturas de diferentes matizes, que podem ter sido exigidas pela métrica ou por uma especial intenção do poeta. Em ambos os casos, o efeito estilístico e a complexidade estrutural podem ser constatados. A dificuldade de se estabelecer uma padronização do uso dos grupos sintáticos nos faz pensar na hipótese de ser estilístico esse uso.

Palavras-chave: Odes. Aspectos morfofossintáticos. Ordem natural. Uso estilístico.

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo descrever o comportamento estilístico-sintático de constituintes de grupos sintáticos nas odes do *Liber Primus*, de Horácio.

Nossa análise valorizou a sua contextualização, a qual se baseia no relacionamento da forma em referência com os outros termos sintáticos. Consideramos as estruturas de base, sob a perspectiva da existência de uma ordem natural, e a possibilidade de um uso estilístico nos casos em que a colocação dos termos na frase não se fez conforme a relativa padronização, que os estudiosos da sintaxe latina preconizam e que concebemos.

Para isso, apresentamos uma fundamentação teórica acerca da estrutura sintática do latim, considerando a contribuição dos estudos linguísticos modernos, acerca dos fenômenos estilísticos, causados principalmente pela colocação dos termos na frase.

Assim, constatamos a ocorrência de uma relativa liberdade de colocação dos termos na poesia horaciana e que, nela, o resultado de natureza comunicativa quase sempre sugere interpretações variadas.

Em Horácio, a quebra dessa ordem natural faz surgir estruturas de diferentes matizes, que podem ter sido exigidas pela métrica ou por uma especial intenção do poeta. Em ambos os casos, o efeito estilístico e a complexidade estrutural podem ser constatados.

Horácio não seguia um padrão em si mesmo. Suas odes se apresentam variadas quanto à colocação dos termos na frase. Em especial, quanto à dos constituintes de grupos sintáticos, objeto de nosso estudo.

A dificuldade de se estabelecer uma padronização na colocação dos termos desses grupos nos sugere ser estilístico o seu uso.

1.1. Asserções fundamentais

- Em latim, há uma relativa liberdade de colocação dos termos, por ser ele uma língua de declinações. Por conseguinte, a ordem dos termos na frase não se fazia obrigatória.
- Certamente, não se espera uma padronização da língua latina no que se refere à estruturação frasal, entretanto, no que se refere à colocação dos termos, mormente na prosa, prevalecia uma ordem natural, visto que, não raro, se iniciava a frase com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo (Cf. MAROUZEAU, 1953, p. 55, ERNOUT; THOMAS, 1959, p. 161, PINKSTER, 1995, GARCIA, 2000, p. 30, DIVINE; STEPHENS, 2006, p. 25, entre outros).
- Na poesia, em que a liberdade de colocação se nos parece mais livre, também não o é, pois o resultado de ordem comunicativa quase sempre se altera, sugerindo interpretações variadas.

1.2. Asserções complementares

- Quando a linguagem está a serviço da forma versificada, como ocorre no texto poético e em especial na poesia latina, a falta de uma padronização na ordem dos termos, à semelhança da ordem natural da prosa aponta para um uso estilístico.
- Há uma complexidade flagrante na colocação dos termos nas odes horacianas, que causa uma considerável dificuldade de compreensão em certas estruturas sintáticas.

- Daí, a necessidade de se examinar a ordem natural das palavras nas estruturas oracionais latinas, como propõe Marouzeau (*Ibidem*), para observar o seu comportamento nas odes do *Liber Primus*, de Horácio, que serão o objeto da nossa análise.

2. *Fundamentação teórica*

2.1. *Natureza dos tipos de estruturas sintáticas latinas*

O latim era uma língua de declinações, em que ocorriam alterações morfosintáticas, causadas pelo acréscimo de desinências casuais, conforme a função sintática que uma dada palavra exercia na estrutura linguística. Logo, a ordem dos termos na frase não era direta e nem se fazia obrigatória. Sobre isso afirmam Ernout e Thomas (*op. cit.*), corroborando Marouzeau (*op. cit.*), a quem faz referência em nota de rodapé:

A manutenção da flexão nominal tem feito com que a ordem das palavras em latim nem sempre se prenda à significação sintática, cf. acima § 10. Constatam-se, porém, certos hábitos ou preferências que não são nada precisos. (ERNOUT; THOMAS, 1959, § 188, p. 161)⁹ (Tradução livre)

Em decorrência dessa asserção, poderíamos concluir que as palavras poderiam ser colocadas em qualquer ordem e que o resultado de ordem comunicativa seria o mesmo. Contudo, essa conclusão não é correta ou pelo menos não é conveniente, porquanto a ordenação das palavras em latim não era exatamente livre.

Em relação a essa possível liberdade, Marouzeau (*op. cit.*) observa que:

(...) se em latim a ordem das palavras é livre, ela não é indiferente, uma vez que a escolha da construção sempre é determinada ou pelo uso, ou pelo sentido, ou pelo estilo, ou ainda pelo ritmo, cuja sistematização se torna difícil de se estabelecer, embora a sua efetivação se dê sob certas leis ou tendências. (MAROUZEAU, 1953, Introdução)¹⁰ (Tradução livre)

⁹ "Le maintien de la flexion nominale a fait que l'ordre des mots n'a jamais pris en latin de signification syntaxique, cf. supra, § 10. On constate pourtant certaines habitudes ou préférences qui n'ont rien de strict."

¹⁰ "(...), si en latin l'ordre des mots est libre Il n'est pas indifférent. Le choix de la construction est déterminé dans chaque cas particulier par des considération très diverses, d'usage, de sens, de style, de rythme qu'il est difficile de réduire en système, mais que prêtent à l'observation de certaines lois ou tendances."

O autor faz uma ressalva, afirmando que no enunciado versificado particularmente se ressalta ou a comodidade métrica ou a preferência de uma colocação inicial ou final de certo termo.

Na prosa, por exemplo, prevalecia uma ordem natural própria da índole da língua: normalmente a frase iniciava-se com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo, como já afirmamos anteriormente.

Na poesia, em que a liberdade de colocação se nos parece mais livre, também não o é, pois o resultado de ordem comunicativa quase sempre se altera, sugerindo interpretações variadas, que caracterizam um uso estilístico. De fato, quando a linguagem está a serviço da forma versificada, como ocorre na poesia latina, um elemento específico para a determinação da ordem das palavras se torna fundamental: a metrificação, que faz com que a construção da frase seja considerada em função da estrutura métrica em detrimento da estrutura sintática esperada – aquela que justificaria a ordem natural da língua.

As divisões do enunciado poético não se estabelecem da mesma forma que as divisões do enunciado não poético. Pode haver entre um enunciado poético e um enunciado não poético uma coincidente organização sintática, como também pode não haver tal coincidência ou ainda um verdadeiro conflito entre as divisões dos enunciados, uma vez que, no texto poético, prevalecem as divisões métricas.

Daí, a necessidade de se examinar a ordem natural das palavras nas estruturas oracionais latinas, considerando a ordem das palavras das estruturas oracionais consideradas regulares e a possibilidade de outras organizações a serviço da metrificação, para depois observar o comportamento dos grupos sintáticos das odes horácianas.

O comportamento sintático das palavras, utilizadas por Horácio dentro dos grupos sintáticos nas suas odes, apresentam certas características, que, não só diferem das do uso considerado gramatical, como também nos sugerem reconhecer um uso estilístico de tal colocação de palavras.

2.2. Sobre a ordem natural

Panhuis (1982), na introdução de sua obra, depois de se referir a diferentes posicionamentos de vários teóricos acerca da ordem de palavras em latim, considerando a retórica e a poética, afirma que “padrões sintáticos são tratados apenas de forma indireta na medida em que a sua liberdade

de ordenação permite ao autor exprimir a sua mensagem de uma forma que é comunicativamente mais eficaz” (PANHUIS, 1982, p. 1). Depois, para justificar a sua preocupação com a organização comunicativa da mensagem, especialmente no nível da frase, cita Rubio, apresentando o seu comentário crítico acerca da complexidade da estrutura latina:

Segundo esses autores, são tantos os princípios reguladores da ordem e tantas as exceções e contraexceções com que se preocupar que o leitor acaba se perguntando se tais regras merecem ser recordadas ou se o título apropriado aos trabalhos deles seria “a ordem” ou “a desordem” das palavras em latim. (RUBIO, 1972, p. 404, *apud* PANHUIS, 1982, p. 1-2)¹¹ (Tradução livre)

Quanto à ordem das palavras, Pinkster (1995) declara que considera mais conveniente falar sobre a ordem dos constituintes das estruturas frasais. Acerca da concepção de que a ordem das palavras em latim é livre, assim se pronunciou Pinkster:

Tem-se caracterizado o latim, em síntese, como uma língua de ordem de palavras “livre”. O termo livre sugere que em latim a ordem de palavras não tem importância e não está determinado por regra nenhuma. Neste capítulo, ficará claro que esta insinuação não é correta. (PINKSTER, 1995, p. 211)¹² (Tradução livre)

Também Devine e Stephens (2006), tomando a seguinte estrutura de César: “*pertinent ad inferiorem partem fluminis Rheni*” (BG 1.1) (“Estendiam-se para a parte inferior do rio Reno”), afirmam que:

Apesar da comparativa liberdade de ordem da palavra latina, não é apenas uma sequência de palavras independentes que poderiam ter sido dispostas em qualquer ordem: **ad pertinent Rheni*, por exemplo, não é permitido, e outras ordens que são permitidas seriam consideradas menos naturais, particularmente em prosa. (DIVINE; STEPHENS, 2006, p. 25)¹³ (Tradução livre)

Hoffmann (2010), a partir de uma perspectiva pragmática, assume que a ordem das palavras na estrutura da prosa latina se assemelha a uma

¹¹ “Según estos autores son tantos los principios reguladores del orden y tantas las excepciones y contraexcepciones a tener en cuenta que el lector acaba preguntándose si sus reglas merecen ser recordadas o si el título apropiado a sus trabajos es ‘el orden’ o ‘el desorden’ de las palabras en latín.”

¹² “El latín se há caracterizado a menudo como uma lengua de orden de palabras “livre”. El término libre sugiere que en latín el orden de palabras no tiene importancia y no está determinado por regla alguna. En este capítulo quedará de manifiesto que esta sugerencia no es correcta.”

¹³ “Despite the comparative freedom of Latin word order this is not just a string of independent words that could have been arranged in any order: * *ad pertinent Rheni* for instance is not allowed, and other orders which are allowed would be considered less natural, particularly in prose.”

ordem SOV (Sujeito – complemento – verbo), embora reconheça a grande dificuldade desse tema no estudo de gramática latina.

Finalmente (5) vou tentar definir uma fórmula pragmática de verbos transitivos que resumem de forma concisa a ordem das palavras características de latim de uma forma semelhante a um fórmula sintática tal como SOV. (HOFFMANN, p. 264. In: SPEVAK, 2010)¹⁴ (Tradução livre)

Hoff (1994), em artigo sobre a ordem das palavras em grupos nominais do *Bellum Gallicum* (I-VII), de César, constata que o adjetivo pospõe o núcleo substantivo, quando não é um numeral e quando não exerce a função de predicativo e chega à seguinte conclusão:

A pesquisa sobre grupos sintáticos raros coloca em evidência o fato de que a ordem das palavras em latim não resulta somente das escolhas estilísticas ou pragmáticas: em parte, ela é determinada por restrições sintáticas. (HOFF, 1994, *résumé*)¹⁵ (Tradução livre)

Garcia (2000, p. 30) afirma que “a tendência a considerar a ordenação das palavras em latim como livre é errônea”, já que a colocação das palavras em latim se faz de acordo com uma ordem natural própria da índole da língua.

A partir de estruturas latinas e comparando-as com as estruturas equivalentes do português, a autora descreve a ordem que considera regular em latim, e afirma que normalmente o termo nominativo inicia a oração e o verbo a encerra. Entre eles, é comum serem colocados o ablativo, o dativo e o acusativo, nesta ordem.

Marouzeau (1922), que de fato fundamenta esta pesquisa, descreve detalhadamente o comportamento das palavras em cada grupo sintático, sob uma perspectiva claramente estilístico-sintática. Além da descrição dos diversos grupos sintáticos, o autor apresenta alguns fenômenos sintáticos, como atração, dissociação e arranjo de proposições, o que demonstra a sua preocupação com um possível comportamento estilístico de tais usos.

¹⁴ “Finally (5) I will attempt to define a pragmatic formula for transitive verbs summarising concisely the word order characteristics of Latin in a way similar to a syntactic formula such as SOV.”

¹⁵ “La recherche de groupements rares met en évidence le fait que l'ordre des mots en latin ne résulte pas seulement de choix stylistiques ou pragmatiques: pour une part, il est déterminé par des contraintes syntaxiques.”

3. A ordem das palavras na estrutura oracional do latim

Diferentemente do português, cujas estruturas oracionais se organizam em sintagmas (termos sintáticos) e não exatamente em palavras, nas estruturas oracionais latinas uma palavra de função periférica, não raro e até mesmo em conformidade com uma regra de colocação, pode apresentar-se distante do seu núcleo:

- (01) *Terra procul uastis colitur Mauortia campis / (Thracēs arant) acri quondam regnata Lycurgo* (VIRGÍLIO, *Eneida* III, 13-4) (“Ao longe, uma terra de Marte de vastos campos é habitada”)
- (02) *hunc, si mobilium turba Quiritium / certat tergeminis tollere honoribus.* (HORÁCIO, I, 1, v. 7-8). (“Este, se a turba dos inconstantes romanos se esforça para exaltá-lo com honras tríplexes.”)
- (03) *Cum tener uxorem ducat spado, Mevia Tuscum / figat aprum et nuda teneat uenabula mamma* (JUVENAL, *Sátira* I, 22-3) (“Quando um eunuco afeminado se casa, Mévia mata um javali da Toscana e de seios nus empunha lanças...”)

As regras de colocação das palavras que compõem os sintagmas do português e do latim não são as mesmas. Em português, a colocação de uma determinada classe de palavra, contrariando a regra preestabelecida da língua, constitui uma das figuras de sintaxe (anástrofe, hipérbato, sínquise ou prolepse), o que configura um uso estilístico, já que sempre causa um efeito expressivo. Certamente, uma análise semelhante deve ser feita sobre uma estrutura latina em que se verifica uma colocação diferente daquela descrita pelos especialistas em sintaxe latina sob a denominação de “ordem natural”.

Assim como o fez Marouzeau (*op. cit.*), o método que adotaremos na análise das estruturas sintáticas da língua latina consiste em interpretá-las, considerando as construções de base, as quais se estabelecem a partir dos grupos sintáticos, que aquele autor assim identificou: “adjetivo-substantivo”, “preposição-regime”, “cópula-atributivo”, “verbo-sujeito” e outros.

Assim, podemos considerar figuras de sintaxe (do tipo anástrofe) as ocorrências nos exemplos supracitados: em (01) – “*terra Mauortia*”, “*uastis campis*” (formando um quiasmo) e “*acri Lycurgo*”; em (02), “*mobilem Quiritium*” (embora a estrutura – com a intercalação do núcleo substantivo – seja típica do latim) e “*tergeminis honoribus*”; e em (03),

“*tener spado*”, “*Tuscum aprum*” e “*nuda mamma*”. Certamente, as construções sintáticas desses versos têm suas motivações semânticas, além de realçar a expressão textual e de se acomodar à métrica utilizada pelo poeta.

Em relação às odes horácianas, Penna (2007, p. IV) observa que, “nas odes a musicalidade do ritmo métrico tem implicações semânticas, realçando a expressão textual”, como se pode observar nessas estrofes sáficas da ode 2, do *Liber Primus*:

*Iam satis terris niuis atque dirae
grandinis misit Pater et rubente
dextera sacras iaculatus arces*
terrui urbem,
terrui gentis, graue ne rediret 5
saeculum Pyrrhae noua monstra questae,
omne cum Proteus pecus egit altos
uisere montis

O Pai já lançou sobre as terras bastante (de) neve e cruel granizo e, tendo atingido as cidadelas sagradas com sua avermelhada mão direita, aterrorizou a cidade, aterrorizou as nações para que não retornasse o duro século de Pirra, que se lamentava dos novos prodígios, quando Proteu obrigou todo o seu rebanho a ir para os altos montes (...)

Nessas estrofes, podemos observar as disjunções dos grupos nominais: “*satis niuis*” (“bastante neve”), “*sacras arces*” (“cidadelas sagradas”), “*graue saeculum*” (“duro século”), “*Pyrrhae questae*” (“Pirra que se queixava”) e “*omne pecus*” (“todo o rebanho”); o deslocamento do nominativo sujeito “*Pater*” e do complemento acusativo “*Urbem*” para depois dos respectivos verbos “*misit*” e “*terrui*”; e a complexa colocação dos termos nos dois últimos versos.

De fato, a ordem dos termos nos versos horácianos não se fazia nem mesmo regular, já que Horácio se utilizou de treze diferentes esquemas métricos nos seus quatro livros de odes.

Em Horácio, a quebra da ordem natural faz surgir estruturas de diferentes variáveis estilísticas, que podem ter sido exigidas pela métrica ou por total intenção do poeta com o objetivo de chamar a atenção do leitor. Em ambos os casos, o efeito estilístico e a complexidade estrutural podem ser constatados. O comportamento sintático das palavras, utilizadas por Horácio dentro dos grupos sintáticos nas suas odes, apresentam certas características, que, não só diferem das do uso considerado gramatical, como também nos sugerem reconhecer um uso estilístico de tal colocação de palavras.

Tomemos, como exemplo, a escansão da primeira daquelas estrofes sáficas tetrásticas dicolas da ode 2, do *Liber Primus*:

Iam	sa /	tis	te /	rris	niuis /	atque /	dirae
1	2	3	4	5			
(- ^υ)	(--)	(- ^{υυ})	(- ^υ)	(--)			
grandi /	nis	mi /	sit	Pater /	et	ru /	bente
1	2	3	4	5			
(- ^υ)	(--)	(- ^{υυ})	(- ^υ)	(- ^υ)	(- ^υ)	(- ^υ)	
dexte /	ra	sa /	cras	iacu /	latus /	arces	
1	2	3	4	5			
(- ^υ)	(- ^υ)	(- ^{υυ})	(- ^υ)	(- ^υ)	(- ^υ)	(- ^υ)	
terrui /	urbem						
1	2						
(- ^{υυ})	(- ^υ)						

Certamente, Horácio escolheu tais colocações das palavras para estabelecer a estrofe sáfica tetrástica dicola, que é composta de três versos sáficos menores – hendecassílabos – e um adônico – pentassílabo. Uma disposição em conformidade com a ordem natural da língua, certamente dificultaria a acomodação métrica, já que o verso sáfico menor é composto de dois troqueus (ou com um espondeu), um dátilo, e dois troqueus (ou com um espondeu), como se pode constatar na escansão feita acima.

Tomemos, como ilustração desse problema, a seguinte disposição dos termos daquela estrofe de Horácio (mantendo a constituição dos versos, dada pelo poeta):

*Iām sātīs nīuīs tērrīs atquē dīrāe
grāndīnīs Pātēr mīsīt ēt rūbēntē
dēxtērā sācrās arcēs iāculātūs
ūrbēm tērrūit*

De imediato, percebe-se que não se teria a mesma métrica da estrofe horaciana, porquanto nos primeiros versos não se formaria o verso sáfico menor. No terceiro pé métrico, por exemplo, não surgiria um dátilo, mas um bráquio ou um tríbraco:

Iam	sa /	tis	nī /	uis	terris /	atque /	dirae
1	2	3	4	5			
(- ^υ)	(^{υυ})	(^υ --)	(- ^υ)	(--)			
ou							
Iam	te /	rris	sa /	tis	niuis /	atque /	dirae
1	2	3	4	5			
(--)	(- ^υ)	(^{υυυ})	(- ^υ)	(--)			

Horácio conseguiu formar os versos sáficos menores, deslocando as palavras “*terris*” e “*iaculatus*” para o interior dos grupos nominais “*sa-*

tis nivis” e “*sacras arces*”, respectivamente, e “*Pater*” para depois da flexão verbal “*misit*”, e o adônico, deslocando “*urbem*” para depois do verbo “*terruit*”.

4. Considerações finais

Sendo o latim uma língua de declinações e, em consequência disso, não sendo obrigatória a ordem dos termos na frase, de certo, a definição de uma padronização quanto à estruturação frasal se torna difícil. Contudo, podemos conceber uma ordem natural da língua em si, principalmente na prosa, em que se iniciava a frase com o termo nominativo (sujeito) e se finalizava com o verbo, como o fizeram Marouzeau, Ernout e Thomas, Garcia e outros.

Constatamos que há uma relativa liberdade na ordem das palavras nas estruturas frasais do latim, e que essa liberdade está sempre condicionada a um dos diversos fatores (de uso, de sentido, de estilo, de ritmo).

Nas odes horacianas, há uma grande complexidade morfossintática, a qual é ainda maior em relação à colocação das palavras.

Por fim, defendemos a hipótese de que o comportamento de certas palavras no interior dos grupos sintáticos e de certos grupos sintáticos em si nas odes horacianas é de natureza estilístico-sintática, uma vez que são por vezes inusitados os efeitos causados pelas variadas ocorrências de tais termos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIVINE, Andrew M.; STEPHENS, Laurence D. *Latin word order: Structured meaning and information*. New York: Oxford University Press, 2006.

ERNOUT, Alfred; THOMAS, François. *Syntaxe latine*. 2. éd. Paris: C. Klincksieck, 1953.

GARCIA, Janete Melasso. *Introdução à teoria e prática do latim*. 2. ed. Brasília: UnB, 2000.

HEREDIA, Andrés Gomez. Introducción a los principales fenómenos sintáctico-estilísticos en latín. *Cuadernos de Filología Clásica* Vol XX (1986-87) Fd Universidad Complutense, Madrid, 1986.

HOFF, François. L'ordre des mots chez César: les groupements adjectif-nom-génitif rares. Dans *Dialnet*, Lalies, n. 15. Paris, 1994. p. 245-257.

HOFFMANN, Roland. Latin word order revisited: information structure of topic and focus. In: SPEVAK, Olga (Org.). *Phonetik, Phonologie und Metrik*. Manfred Kienpointner et Peter Anreiter (Eds.), Latin Linguistics Today: Proceedings of the 15. CILL, Innsbruck, April 4-9, 2009, serie Innsbrucker Beiträge zur Sprachwissenschaft. Innsbruck: Universität Innsbruck, 2010. p. 260-64.

LISÓN, Huguet Nicolás. *El orden de palabras en los grupos nominales en latín*. Zaragoza: Presses Universitaires, 2001.

MAROUZEAU, J. *L'ordre des mots dans la phrase latine*. Vol. I. Les groupes nominaux. Paris: Les Belles Lettres, 1922.

_____. *L'ordre des mots dans la phrase latine*. Vol. III. Les Articulations de l'énoncé. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

PANHUIS, Dirk G. J. *The communicative perspective in the sentence*. A study of latin word order. Amsterdam: J. Benjamins, 1982.

PENNA, Heloisa Maria Moraes Moreira. *Implicações da métrica nas odes de Horácio*. 2007. – Tese de Doutorado (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP). São Paulo.

PINKSTER, Harm. *Sintaxis y semântica del latín*. Trad.: M. E. Torrego e J. de la Villa. Madrid: Ediciones Clásicas, 1995.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SPEVAK, Olga (Org.). *Phonetik, Phonologie und Metrik*. Manfred Kienpointner et Peter Anreiter (Eds.), Latin Linguistics Today: Proceedings of the 15. CILL, Innsbruck, April 4-9, 2009, serie Innsbrucker Beiträge zur Sprachwissenschaft. Innsbruck: Universität Innsbruck, 2010.